

5. Voltando ao começo: Venerável, Bem-Aventurado Beato, Santo?

Vêde o Santo Anchieta
Santinho corcós,
De roupeta preta,
Posto em oração
Erguido nos ares
Acima do chão.
Cecília Meirelles

Vocação. Do latim *vocatio*, quer seja, ato de chamar, escolha. Foi de uma vocação que nasceu essa pesquisa. Para mim, durante muitos anos José de Anchieta não passou de um personagem histórico, que escrevia peças de teatro para índios. Foi na “juventude-adulta” que conheci o Beato, através de um movimento de leigos que comunga com a Companhia de Jesus de sua espiritualidade. Conheci-lhe a história, as curiosidades, as devoções pessoais, e nada mais. De personagem, Anchieta passou a fazer parte de meu próprio imaginário cristão e de minhas devoções particulares. Poucas linhas de sua escrita eu tinha lido até receber um autêntico chamado para pesquisar sua obra literária. Vocação: chamado e dom, certeza de uma missão da qual não era digna por ser maior que eu mesma e que minhas pretensões. De personagem, de devoção, Anchieta assume hoje um lugar de presença concreta, na história do meu país e em minha própria história.

Diante dos inúmeros textos de cunho apologético e devocional que me passaram aos olhos, descubro um efetivo trabalho de construção biográfica para fazer de um homem que apenas gastou sua vida trabalhando por uma causa, como inúmeros outros, um santo. Armadilhas da teoria que surpreende o bem-querer do olhar da fé.

Diante de outros tantos textos que criticam duramente o trabalho dos jesuítas na consecução da colonização do Brasil e que, particularmente alguns, desdenham da preconizada santidade do Apóstolo, descubro o respeito à sua letra e à dedicação com que esse homem relatou os primórdios de nosso país. Surpresas da fé que faz cair na armadilha a apropriação da teoria pela teoria.

Estaria, portanto, diante de um verdadeiro santo ou de um articulador cruel, dissimulado, apenas cioso de fazer acontecer o empreendimento em que se envolveu?

A via do engajamento foi o caminho encontrado para o olhar específico a ser lançado sob sua obra. Iniciei com os pressupostos de Jean-Paul Sartre e Roland Barthes, mas só com a lucidez de Benoît Denis, foi possível um efetivo olhar trans-histórico para a compreensão do engajamento da literatura anchietana à causa da colonização. Em seu trabalho literário, Anchieta preencheu os requisitos explicitados por Denis para o escritor engajado: penhor, escolha, ação, que se revelam em toda a sua obra. Obra intencional, catequética, engajada, fiel.

Creio ser a obstinada fidelidade com que Anchieta desenvolveu seu trabalho a fonte do engajamento que se revela nos múltiplos gêneros que escreveu. Chama a atenção a disciplina com que produziu sempre atento à intenção final, ao público destinatário e aos limites e possibilidades próprios de cada gênero com que trabalhou. Desta forma, utilizou as diversas línguas em que era versado, verteu canções profanas para sagradas, introduziu elementos alegóricos, levantou informações com diligência, enfim, aplicou o instrumental disponível à sua época para realizar o trabalho que lhe cabia, seja como epistológrafo, seja como sacerdote, seja como catequista. Fidelidade que o fez esquecer de si mesmo, para servir e obedecer, diluindo-se como um entre os demais de sua Ordem, chamando-se a si mesmo de “o mínimo da Companhia”. Fidelidade que lhe abre as portas da santidade, como diz outro jesuíta:

Trata-se [a santidade] de um esvaziar-se progressivo de toda auto-suficiência e orgulho, de toda ambição de riquezas, de prestígio e projeção, de poder de dominação e de opressão, no seguimento do Filho de Deus (...) (Oliveira, 2002, p.18)

Mas, para além da disciplina que lhe garantia a fidelidade aos seus objetivos, seus escritos revelam um autêntico jesuíta, forjado pela mão quase que direta de Inácio de Loyola. Por isso, foi possível descobrir em suas obras o emprego de elementos de cunho essencialmente inaciano, na tentativa de aplicar ao seu público a pedagogia que outrora convertera o Fundador e tantos outros homens que aderiram ao seu modo de pertencer à Igreja.

Inaciano incruado, como lhe adjectivou Jorge Araújo, Anchieta sabia bem de seu dom para a literatura e não escusou de colocá-lo a serviço da causa da Igreja e da Coroa. Creio que sua pena de poeta foi o sopro arrefecedor da brutalidade social em que viviam aqueles homens. Tal como indicou Roland Barthes, na citação que lhe faz Antoine Compagnon: “[A] literatura não permite andar, mas permite respirar.” (Barthes apud Compagnon, 2009, p. 41)

Se o desafio de descobrir-lhe o engajamento esteve na necessidade de uma compreensão deste conceito em uma perspectiva trans-histórica, creio que o mesmo desafio se configura na tentativa de provar-lhe a santidade, aqui, porém, em um sentido contrário, ou seja, se no primeiro foi necessário levar para trás no tempo o arsenal teórico, no segundo, é necessário trazer para frente o conceito de santidade para que se possa encontrar naquele homem do século XVI uma vida cujo exemplo possa preencher de sentido o homem contemporâneo.

Este, porém, é um trabalho longo, talvez mais cabível a teólogos. Mas ainda assim, atrevo-me a lançar algumas luzes.

As biografias e o processo de canonização de José de Anchieta dão conta de suas virtudes, profecias, milagres e mística. Tudo minuciosamente documentado. Possivelmente já se encontram esgotadas as fontes que dêem um novo rumo ao estudo biográfico do Beato. Os próprios títulos que recebeu da Igreja mostram que ela mesma já aceitou a exemplaridade de sua vida. Torno a dizer, uma vida do século XVI, sobre o qual o olhar contemporâneo se revela muitas vezes como um crítico irredutível, esquecendo-se da visão de mundo que aqueles homens poderiam ter.

Anchieta foi descrito por muitos como um homem humilde, compassivo, dedicado ao serviço e ao próximo. Mas, é justamente uma crítica que lhe foi feita neste sentido que chamou a minha atenção. O Pe. Antônio Ferreira, em carta⁹⁹, queixou-se ao Pe. Geral Claudio Acquaviva que Anchieta era “*condescendente* com os enfermos”¹⁰⁰. Por que seria a condescendência um problema para a Companhia? Mais: ele não reclama da condescendência para com os outros, mas especifica que ela está presente no trato com os enfermos. Ora, não precisariam estes de uma atenção mais detida? Não seria essa uma atitude de caridade de

⁹⁹ Carta do Pe. Antônio Ferreira, enviada ao Pe. Cláudio Acquaviva, Geral da Companhia de Jesus, datada de São Vicente, em março de 1585). V. ANCHIETA, 1984, p. 387-388

¹⁰⁰ V. ANCHIETA, 1984, p. 387-388, grifo meu.

Anchieta para com seu próximo? Por todos os problemas de saúde que sofreu, o Pe. José sabia bem o que eram as horas intermináveis nos hospitais e a carência dos enfermos, portanto, certamente conseguia ter para com os aqueles uma atitude compassiva – a mesma compaixão que sentia Jesus Cristo a mover-se pelos sofredores.

Retorno ao sopro. Creio que Anchieta na sua afetividade, na empatia de suas relações com índios, colonos e irmãos de Ordem, na sua atenção às necessidades e limites dos próximos, nos textos que produziu, foi essa brisa que caminhava entre os habitantes das vilas e das aldeias. Não foi em vão, pois, que o que marcou sua vida e deu-lhe um diferencial, foi justamente a literatura – outro sopro.

Anchieta sabia maravilhar-se com a beleza da terra, encantar-se com as pequenas coisas que aqui aprendia, vibrar pela conversão de uma única alma, lutar por suas convicções no limite máximo da fidelidade à Igreja, ler os sinais do tempo e traduzi-los aos outros, encontrar em tudo o dedo de Deus e a mão da Igreja. De *canário* em Coimbra, fez-se sacerdote. De padre voador – *aberê* – no Brasil, se fez poeta para traduzir a vida que aqui nascia. Quiçá um dia se fará santo.

Na Festa da Anunciação de Nossa Senhora

No Dia Mundial das Comunidades de Vida Cristã

Rio de Janeiro, 25 de março de 2010.